

5ª Parte

Transcrições

Fim de Linha¹

João Jacques

Tive três amigos por nome Elias.

Um deles foi o Malmann, que usava *pince-nez*, falava alemão, escrevia nos jornais, discursava em praça pública e acabou mudando-se para o Rio, onde desapareceu sem maiores registros por parte da imprensa, apesar do talento.

Outro, o Carrá, libanês de origem, homem bom, tipo bastante popular em Fortaleza. Especialidade: vendia meias pretas para luto e ia a todos os enterros.

O terceiro era filho de mestre Rocha, antigo chefe das oficinas da Estrada de Ferro.

Todos já descansam em paz.

O último, o Elias Rocha, com quem mais convivi, fora, por muitos anos, maquinista da referida repartição. Tinha, herdada, a vocação para a mecânica. E guiava locomotiva como gente grande.

Uso adrede a expressão “como gente grande”, para ressaltar a sua fibra de eterna criança, de setentão com alma infantil.

Elias era alegre, espirituoso, comunicativo. E daí o largo círculo de amigos que cultivava.

Um colapso cardíaco o fulminou, exatamente no primeiro dia deste ano, certamente para que, de acordo com o calendário, comesse sem atraso e numa data inaugural a sua vida no outro mundo.

Fui a seu sepultamento.

Muita gente. Dezenas de automóveis particulares no cortejo fúnebre. Um atrás do outro, como numa composição ferroviária. O carro dele à frente, puxando os demais e lembrando, na cor negra, uma locomotiva.

Ao chegar à porta do cemitério, a sineta soou. Era a partida na última estação...

E, quando o seu caixão baixou à terra, um apito de máquina, nas proximidades, fez as vezes do toque de silêncio militar sobre os restos de um lutador...

¹ ... *Alma em corpo oito*, p. 25-26.